

IDENTIDADES E SOCIABILIDADES: UM DIÁLOGO COM OS JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL

Evelane Mendonça Lima¹
Gustava Bezerril Cavalcante²
Ana Clara de Castro Lopes³

RESUMO

O presente trabalho resulta de uma pesquisa realizada no campo escolar tendo como foco analítico as identidades juvenis manifestadas a partir das narrativas de jovens estudantes do ensino médio em tempo integral de uma escola localizada em Maranguape - CE. O ponto de partida deste trabalho surgiu com a disciplina de Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará – UECE, a qual tinha como proposta avaliativa a inserção dos discentes no universo educacional através do desenvolvimento de grupos de discussões a serem realizados com alunos e alunas das instituições de ensino. A pesquisa teve como objetivo principal compreender quais identidades juvenis são movimentadas no cotidiano de uma escola pública de tempo integral. Desta forma, os procedimentos metodológicos de cunho qualitativo utilizados foram a realização de grupos de discussão e a aplicação de questionários socioeconômicos. Diante disso, foi possível perceber como as juventudes em seu sentido plural dinamizam processos identitários que assumem papéis socioculturais no estabelecimento de experiências escolares, assim como nas mais diversas sociabilidades para além dos muros institucionais.

Palavras-chave: Juventudes, Identidades, Escola.

INTRODUÇÃO

Pensar a escola em uma perspectiva sociológica envolve percebê-la para além da dimensão institucional dinamizada por regras, currículos e conteúdos formais. Isso quer dizer que o espaço escolar expressa em seu cotidiano culturas, ritmos e comportamentos que transgridem o aspecto formal da educação e passam a traduzir práticas, identidades e trajetórias juvenis. Como afirma Dayrell (1996, p. 5) “Essa outra perspectiva implica em superar a visão homogeneizante e estereotipada da noção de aluno, dando-lhe um outro significado.”

Os sujeitos imersos nesse ambiente são indivíduos socioculturais que se contextualizam através das esferas: familiar, socioeconômica, étnico-racial e de gênero, ou

¹ Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará - UECE, evelane.mendonca1@gmail.com;

² Graduação em Ciências Sociais - UFC, Especialista em saúde trabalho e meio ambiente - UFC, Mestra em História Social - UFC e Doutora em Sociologia - UFC, gustavabezerril@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará - UECE, ana73026@gmail.com;

seja, a realidade social dos jovens influencia diretamente as experiências e as relações construídas na escola. As manifestações escolares assumem uma perspectiva simbólica na medida em que os alunos criam e recriam nuances culturais por meio do intercâmbio discursivo com o (s) outro (s) e com o espaço sócio-geográfico. É fundamental discutir como as juventudes estabelecem e fortalecem sentimentos de pertença, valores e usos que acabam por configurar processos identitários, sobretudo, através dos grupos de socialização e sociabilidades criados entre eles/as.

Assim sendo, é possível e necessário propor uma investigação sociológica que destaque os processos identitários juvenis manifestados e dinamizados no espaço escolar tendo como base as práticas sociais e culturais dos agrupamentos, e, por conseguinte, das próprias relações cotidianas internas e externas à escola. As juventudes que serão interpretadas na pesquisa partem do ensino médio público de uma zona esquecida: a periferia de uma cidade metropolitana. Cabe ressaltar, ainda, que falar de identidades significa traçar representações do “eu” em um diálogo incerto, fluido e permanente com a sociedade, bem como impõe percebê-las em constante movimento. Esse movimento é delineado por questões sociais, econômicas e culturais.

Deste modo, o presente trabalho teve como premissa a problematização sobre os aspectos e processos identitários das juventudes tendo como campo empírico de pesquisa a instituição escolar. A proposta surgiu com a disciplina de Estágio Supervisionado III do curso de Ciências Sociais (Licenciatura) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Diante disso, se coloca como objetivo principal compreender quais identidades juvenis são “movimentadas” no cotidiano de uma escola pública de tempo integral no município de Maranguape – CE.

METODOLOGIA

A pesquisa de natureza qualitativa utilizou como procedimentos metodológicos para a coleta de dados os questionários socioeconômicos e, sobretudo, a realização de grupos de discussão. Este último método tem como proposta suscitar reflexões coletivas entre os participantes em torno de um determinado tema. Neste caso, o foco dos grupos são as narrativas e as percepções dos sujeitos envolvidos, enquanto que o (a) mediador (a) é responsável por levantar questões que explorem a atividade reflexiva através de perguntas. “Portanto, os grupos de discussão representam um instrumento por meio do qual o

pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do *habitus* coletivo do grupo.” (WELLER, 2006, p. 247)

Os grupos de discussão foram realizados em dois dias (02 e 03 de maio de 2019) com os estudantes de uma escola pública localizada em Maranguape - CE, região metropolitana da cidade de Fortaleza – CE. Nos dois dias participaram oito estudantes com características e trajetórias diversas. A duração média dos grupos de discussão foi de uma hora e meia. Os dois dias de diálogos foram desenvolvidos a partir de um roteiro pré-elaborado de acordo com a temática tratada.

De modo geral, os eixos temáticos traziam o debate sobre identidades juvenis (1º grupo de discussão) e a relação escola-aluno (2º grupo de discussão). O processo de escolha dos alunos se deu pelo o intercâmbio com a coordenação da escola, principalmente, com uma das coordenadoras que acolheu a proposta de maneira entusiasmada, analisando a positividade disso para os envolvidos.

DESENVOLVIMENTO

Quando falamos de jovens tendo como ponto de partida o contexto da escola, é fundamental perceber que as vivências desses sujeitos ultrapassam o ambiente escolar interno, fazendo parte de uma rede exterior complexa e contraditória. Todavia, o recorte deste trabalho sugere que os processos identitários juvenis, apesar de serem construídos em espaços culturais e instituições sociais diversas, assumem movimentos e significados peculiares na escola. Isso pode ser compreendido a partir das sociabilidades engendradas nos agrupamentos formados pelos estudantes e na própria auto-reflexão da condição juvenil.

Ser questionado sobre “o que é ser jovem” parece sugerir uma emblemática resposta, tendo em vista que a condição juvenil não deve ser encarada por óticas homogêneas ou estereotipadas. Nos grupos de discussão a maioria dos jovens estudantes apontou a indecisão como um sentimento recorrente, bem como explicaram a juventude enquanto fase de transição marcada pelo conflito nos campos subjetivo e social. “É... pra mim ser jovem é indecisão, é tipo uma palavra assim, até porque é como se fosse um treinamento pra próxima fase da sua vida que no caso é ser adulto né!? E tipo ser adulto é aquilo, é família, é profissão, principalmente, é isso.” (Sarah, 2019); “Pra mim ser jovem é ser indeciso e ter início de uma maturidade.” (Isaque, 2019)

Não raras vezes, os jovens assumem a postura de “pré-adultos” na medida em que surge essa demanda da organização social, a qual estimula a criação de um adulto produtivo e incorporado à lógica do mercado. Dayrell (1996, p. 6-7) lembra que ao nascer o jovem já está posto dentro de uma macroestrutura, bem como, dentro de questões de gênero, étnico-raciais e de classe. Esses fatores assumem um importante papel frente às visões e atuações de/no mundo. Mas, no plano cotidiano, esses jovens experimentam sentidos diferentes, tendo em vista que moram em bairros diferentes, têm práticas religiosas diferentes e dentre outros aspectos que os distinguem. Dessa forma, o jovem que chega a escola faz parte de um conjunto dinâmico, complexo, ativo, criativo e contraditório das relações socioculturais.

Por isso, podemos perceber que falar de juventude não quer dizer falar de uma faixa etária definida pelas políticas públicas brasileiras – de 15 a 29 anos –, mas de um processo social mais complexo, que envolve, repito, a adesão a uma estética ou mesmo a um estilo de vida. (LIMA FILHO, 2014, p. 106)

A sociologia que se ocupava correntemente da categoria da juventude, sobretudo a teoria funcionalista, limita a análise à concepção de ciclo de vida transitório necessário a integração no universo adulto da sociedade. Esse ciclo socializador seria dramático e poderia causar disfunções tanto para o jovem quanto para a coletividade, o que repercutiria na própria coesão social. A partir disso, a juventude passa a ser pensada como “problema”. (ABRAMO, 1997, p. 29) Dialogando com essa concepção, é preciso que as análises sobre a condição juvenil reconheçam que os desafios e as mudanças presentes nessa fase são frutos de uma construção sociocultural do “ser jovem” e não, de uma condição essencialmente biológica.

Os jovens indicam sentimentos conflituosos porque a sociedade impõe o “dever escolher” e o “dever ser” como sinalizadores de uma juventude enquanto fase de transição. Todavia, quando indagados sobre a parte lúdica e cultural de seus cotidianos apontam haver um sentido de juventude que se afirma através da sociabilidade: “O que eu mais gosto no meu lazer é andar com os meus amigos e ir pra escola.” (Jean, 2019); “Meu tipo de lazer é bater racha com os amigos, ficar muito nas rodas de amigos [...]” (Flávio, 2019). Neste caso, a dimensão da amizade é fundamental na constituição de “ser jovem”.

A relação jovem-escola é delineada por sentidos e expressões que marcam trajetórias de vida para além do seu objetivo mercadológico. Nesse espaço, os estudantes são atores e o cenário permite à re-criação de estratégias e práticas socioculturais. Goffman (2002) por meio da linguagem dramaturgica analisa a vida social empregando a representação teatral. As situações cotidianas, institucionais ou não, se transformam em um palco, onde os sujeitos sociais criam e recriam interações simuladas. Nesse caso, os indivíduos são atores e platéia,

bem como a realidade social é o palco que possibilita construções representativas do “eu” em detrimento dos “outros”. Dessa forma, o contexto escolar também pode ser entendido como palco teatral que viabiliza o protagonismo juvenil por meio das “máscaras”, ou antes, identidades sociais.

Quando olhamos para a escola, ela pode ser analisada de diferentes formas a partir de diferentes correntes científicas. A sociologia da educação com inspirações marxistas tende a caracterizá-la como instituição que reproduz a luta de classes. Por exemplo, para Baudelot (1991) no capitalismo, essa instituição se estrutura de modo a garantir a permanência da divisão do trabalho (intelectual e manual), e assim, a manutenção do *status quo*. Dessa forma, a função social da escola nesse sistema não desenvolveria as aptidões particulares dos estudantes, mas formaria um exército de mão de obra. Por conseguinte, Bourdieu (1998) afirma que a herança cultural exerce um papel determinante na experiência escolar em relação ao desempenho dentro de um sistema que preza pelas notas e pela disciplina.

A partir dessas análises, a escola passa a ser entendida como uma instituição social orientada de acordo com os interesses sociais dominantes, bem como pela origem social dos estudantes. Durkheim (2011) acredita que a sociedade para garantir sua existência precisa de uma homogeneidade social, por isso, a educação torna-se um mecanismo fundamental para a manutenção regulatória da vida coletiva. Reconhecendo essas colocações teóricas, é fundamental trazer os depoimentos dos participantes dos grupos de discussão, pois estes são simbólicos, mas, sobretudo, partem de uma experiência sociocultural empírica.

Escola é... eu digo assim, que em casa eu sou de um jeito e na escola eu sou de outro. A escola é o lugar onde eu posso ser quem eu quiser e quando eu quiser. Tipo, é como se fosse uma fase da vida, mas é uma fase que você vai levar pra vida inteira porque tanto atinge a sua vida financeira futuramente como você ganha experiências, tipo, do dia-a-dia, então, afeta diretamente a sua vida. (Amanda, 2019)

Amanda traz algumas questões que perpassam a discussão sobre a função escolar em relação às juventudes: o sentido profissional e o sentido socializador. Outro estudante fala que: “A escola pra mim é local onde você aprende as coisas, ajuda você a conhecer novos amigos, né!? É onde tem o pessoal pra acolher, fora a família. Acho que é isso.” (Jean, 2019). Aqui a escola surge como um espaço que substitui a esfera familiar durante um período do dia, já que os laços de pertencimento são fortalecidos a partir das relações entre os sujeitos. A interação passa a construir vínculos que se traduzem em processos identitários dialógicos e dinâmicos: “O lado bom da escola é que eu tô ao lado dos meus amigos mais tempo.” (Isaque, 2019).

Os depoimentos chamavam a atenção para a importância da esfera da participação e da sociabilidade com relação aos aspectos subjetivos da relação dos jovens com a escola e suas autoimagens. A esfera da sociabilidade, potencializada por espaços de participação, permite desenvolver posturas, valores e aprendizados, além de fortalecer vínculos no plano das relações humanas e redes sociais que podem ter um impacto positivo na relação dos jovens com a escola. (LEÃO;DAYRELL;REIS, 2011, p. 269)

Deste modo, discutir a relação escola-aluno ultrapassa as dimensões institucionais e repousa nas relações sócio-afetivas e culturais edificados nesse ambiente. Em outro trecho, uma das alunas diz: “É como se fosse um segundo mundo, lá fora é outra coisa aqui é outra.” (Amanda, 2019).

Vale aqui ressaltar a diversidade presente nos agrupamentos juvenis que apresentam de forma, muitas vezes explícita, maneiras de pensar e de agir demarcadas nas roupas, acessórios, estilos musicais, expressões corporais, códigos comunicativos e muito mais. Sobre o assunto Tosta e Carvalho (2015) auxiliam na percepção da importância dessas manifestações:

O corpo transforma, cresce e carrega características próprias de seus grupos de convivência. Os aspectos biológicos são facilmente identificados durante essa fase, enquanto as características socioculturais variam de acordo com o espaço vivido. Por isso, tinturas de cabelo, anabolizantes, piercings, maquiagens e ainda modificações simbólicas como gestos, olhares, posturas e outras formas de manifestações corporais podem dizer muito sobre suas identidades. O corpo comunica-se com o mundo e, assim, ele não é uma configuração apenas biopsíquica e cultural, mas, também, uma linguagem que, associada a outras, quer expressar-se e comunicar-se com o mundo. (TOSTA; CARVALHO, 2015, p. 123)

A partir dessas percepções, a escola é idealizada como um universo único separada da realidade que parece ser mais indesejada, no qual eles têm liberdade, ressignificam as suas trajetórias e fortalecem laços sociais. Ou seja, para muitos ela se transforma em um espaço de fuga. Contudo, não se deve deixar de lado aspectos que denotam como a instituição escolar é estruturalmente hierarquizada, possui mecanismos de controles e serve aos interesses políticos e econômicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Interpretar os sentidos e as experiências juvenis é sempre um desafio frente à diversidade e a complexidade de seus contextos. Pais (1990) diz que a categoria de juventude deve ser analisada sociologicamente enquanto uma unidade, observando-a como uma fase da vida, e também enquanto conjunto social respaldado pela diversidade. A condição juvenil não

é uniforme e nem homogênea, mas tem como premissa um complexo processo de construção social marcado por similaridades e, sobretudo, diferenças sociais.

Aos diferentes sentidos que o termo juventude tem tomado e às manifestações de sentido contrário que entre os jovens é possível encontrar — nos seus comportamentos quotidianos, nos seus modos de pensar e de agir, nas suas perspectivas em relação ao futuro, nas suas representações e identidades sociais — chamarei, em termos latos, os *paradoxos da juventude*. (PAIS, 1990, p. 141)

Partindo da concepção que esses jovens são plurais podem-se entender algumas questões de ordem socioeconômica tendo como base uma leitura mais compreensiva e abrangente. De acordo com os resultados dos questionários, os estudantes tinham uma idade média entre 14 a 17 anos e cursavam o 1º e 2º ano do ensino médio. Todos se declararam solteiros e estudantes não trabalhadores. A maioria mora com os pais, sendo que somente um estudante afirmou morar com o pai em específico. A família é uma das principais esferas de socialização na vida de um indivíduo. Para Lahire (2011, p. 14) é através da família que o indivíduo “[...] aprende a descobrir o mundo social e a encontrar o seu lugar, é o primeiro espaço (primário) que tende a estabelecer objectivamente – sem o saber ou pretender – os limites do possível e do desejável.”

A escola em questão se localiza em um bairro que é território de fronteira entre os municípios de Maranguape e Maracanaú. Isso explica o fato de que quatro estudantes (50%) moram em Maracanaú e os outros quatro moram em Maranguape (50%). Contudo, cabe salientar que grande parte deles vivem em bairros considerados periféricos em uma perspectiva da região metropolitana.

É importante destacar que do total dos oito participantes, 6 (75%) eram homens e apenas 2 (25%) eram mulheres. E ainda, 4 (50%) se declaram como negros, 2 (25%) como brancos e os outros 2 (25%) utilizaram o campo de livre escrita do questionário e colocaram “moreno/a”. A construção dessa representação do “moreno” passa pela ideia de miscigenação fundada em um ideal de “branqueamento” da população. Como aponta Munanga (2008), a elite intelectual brasileira forjou no imaginário social a miscigenação como ponto chave da edificação de uma suposta identidade nacional fundada num assimilacionismo cultural e na negação da diferença étnico-racial.

Por conseguinte, 5 dos 8 (62,5%) estudantes afirmaram ser evangélicos ou protestantes, 2 (25%) declaram ser católicos e 1 (12,5%) disse não ter religião, embora acreditasse em Deus. Este último estudante pode ser enquadrado na categoria de agnóstico, porém, é notório que entre os estudantes a maioria se denomina cristão-evangélico. Esse

resultado pode ser um retrato da intensa atuação de grupos evangelizadores nas periferias de muitas cidades brasileiras. É nítido o crescimento de igrejas protestantes em bairros pobres. Segundo Birman e Machado (2012, p. 63) “Fronteiras, imagens e mediação são elementos constitutivos de um fazer religioso orientado para o combate à violência e à morte em espaços periféricos, onde habitam os indesejáveis da cidade.”

Desta forma, se visualiza que este trabalho traz a condição de jovens oriundos da periferia. Essa condição, historicamente, é marcada pela desigualdade social, bem como pela precarização de serviços básicos e pela falta de políticas públicas. Além disso, os jovens desses territórios são, muitas vezes, marginalizados e criminalizados a partir de um imaginário e também de práticas que tem suas raízes no racismo. Em contrapartida a isso, as juventudes periféricas representam formas de vivenciar o mundo que extrapolam essas prerrogativas preconceituosas. Suas trajetórias, apesar de serem golpeadas diariamente pela violência estrutural, sugerem a existência de identidades e práticas culturais dinâmicas.

Os caminhos percorridos pelos jovens em outras instituições escolares também suscitam uma gama de processos entrelaçados com as aprendizagens que envolvem a constante movimentação das identidades em um jogo dramático. Na realização dos grupos de discussão uma das perguntas pedia a recordação das trajetórias escolares. Segundo as falas do segundo dia dos grupos de discussão, todos os participantes sempre estudaram na rede pública de ensino. Abaixo seguem alguns depoimentos.

Eu passei por mais de dez escolas na minha vida e a maioria eram em Fortaleza, eu sempre estudei lá. Mas acho que uma das escolas que mais marcou foi a Fernandes Vieira, aqui em Maranguape, que, foi minha primeira suspensão e última até agora, graças a Deus. É... tipo, foi a primeira escola que eu consegui ser líder de sala e essa agora também tá marcando porque é ensino médio. (Amanda, 2019.)

A questão de essa jovem ter citado o fato de ser líder como algo importante assume características sócio-escolares na medida em que a liderança é associada à responsabilidade e o sentimento de maturidade frente aos outros alunos que parecem ser não “aptos” a exercer tal função. Neste caso, é possível problematizar em torno de quais conotações esse “ser líder” acaba ganhando no contexto escolar, tendo em vista que ele pode legitimar a hierarquização entre os estudantes ou, pelo contrário, pode estimular uma participação estudantil com tonicidades políticas. Em outro depoimento, o estudante destaca que:

Eu já passei por três escolas, tudo aqui de Maranguape mesmo, mas a que mais marcou foi essa aqui mesmo. Eu quando cheguei aqui tinha situações complicadas, tinha pensamentos suicidas e muito problema em relação a minha família. Aqui foi onde me ajudaram, conheci novas pessoas. (Jean, 2019.)

Em outros trechos, indagado sobre as maiores dificuldades de um estudante ele afirma que: “[...] às vezes nos estudos que eu não acompanho direito porque eu falto muito por conta da família, acho que é isso né!?” (Jean, 2019). Nestes dois trechos estão presentes vários problemas sociais e psicológicos que podem afetar a vida de um jovem estudante. O fato é que minimamente, de acordo com seu relato, a escola teve sensibilidade de dialogar e acolher as suas angústias. A referida escola não possui atendimentos com psicólogos ou psicopedagogos, assim como a maioria das escolas brasileiras. Tais profissionais seriam essenciais para enfrentamento desses acontecimentos presentes no cotidiano escolar.

Tomando como base, agora, a vivência dos estudantes na escola, os agrupamentos formados entre eles surgem como mecanismos chave no desenvolvimento de afetividades, sistemas de comportamentos e pertencimentos identitários. Lima Filho (2014) apresenta que os jovens ao interagirem, nos mais diversos contextos, movimentam um conjunto de códigos culturais. Esses códigos permitem o desenvolvimento de pertencimento em algum agrupamento social e ainda, o trânsito da escola para a realidade externa. Desta maneira, é possível trazer algumas reflexões sobre essa temática com base nos depoimentos originados dos grupos de discussão.

Esses jovens interpretam a amizade como elemento capaz de gerar redes afetivas de socialização. Para muitos “[...] jovens, a vida constitui-se no movimento, em um trânsito constante entre os espaços e tempos institucionais, da obrigação, da norma e da prescrição, e aqueles intersticiais, nos quais predominam a sociabilidade, os ritos e símbolos próprios, o prazer.” (DAYRELL, 2007, p. 1113).

É... a maioria dos meus amigos eu conheci na escola. Muitos dos meus amigos eu não sabia que moravam perto de mim, mas depois descobri que eles moravam perto de mim. Eu comecei a estudar aqui no 6º ano. São poucas as pessoas que desde o 6º ano estão aqui ainda, por causa que a maioria foram para outra escola. Mas os que ficaram são muito unidos.” (Leandro, 2019.)

Neste trecho, é possível perceber como a escola aparece enquanto espaço socializador decisivo, já que foi através dela que Leandro conheceu a maioria dos seus amigos. Cabe ressaltar que a escola da pesquisa, antes de mudar para o tempo integral, oferecia o ensino do 6º ano do fundamental ao 3º ano do médio. Lima Filho (2014, p. 106-107) traz a categoria de “juventude” sob a ótica de uma estética juvenil permeada por culturas juvenis. Essas culturas fazem parte de agremiações, práticas, saberes e agrupamentos. Sendo que, a instituição escolar acaba se revelando enquanto campo propício para o aparecimento de tais agrupamentos.

É possível perceber a articulação das culturas juvenis no meio escolar através da existência de grupos sociais ali organizados. Refiro-me, nesses termos, a agremiações (formais ou informais) constituídas pelos próprios jovens, que se distribuem em pequenas “turmas” dentro da escola; por vezes chamadas no senso comum como “panelinhas”. (LIMA FILHO, 2014, p. 107)

De acordo com os estudantes participantes da pesquisa, os grupos sociais, ou antes, agrupamentos, podem ser “mistos” — ou seja, são formados por alunos de várias turmas — ou não. Por exemplo: “Tem mais pessoas da minha sala, mas de vez em quando a gente se mistura, aí fica misto.” (Amanda, 2019); “O meu grupo de amigos é misto. Creio que sou o único do 1º ano!?” (Isaque, 2019);

Alguns reconheceram o quanto esses grupos são plurais em termos de diferenças socioculturais e subjetivas: “O que me faz pertencer ao grupo é que cada um tem sua personalidade diferente e me faz sentir alegre” (Bruno, 2019); “Eu diria que o que une meu grupo é, tipo, a gente é diferente e ao mesmo tempo igual, só que a gente aceita a diferença [...]” (Amanda, 2019); “Meus amigos são muito diferentes uns dos outros e ao mesmo tempo parecidos.” (Leandro, 2019). Percebe-se por meio destes relatos o nível de empatia, acolhimento e respeito às diferenças. Em contrapartida, também existiam comentários que sugeriam a existência do *bullying* no espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialogar sobre identidades juvenis importa perceber como os jovens se visualizam no mundo coletivo em contato permanente com os outros. O campo escolar revela configurações socioculturais que transmitem a ideia de movimento contínuo das relações entre os estudantes e a própria instituição. Ser jovem na contemporaneidade assume conotações sociais que dependem de experiências econômicas, familiares e culturais. A instituição escolar pode ter uma perspectiva estrutural-funcional rígida, tendo em vista que o seu papel social é pensado de acordo com projetos de sociedade com base nos aspectos políticos e econômicos.

Apesar disso, a rigidez é mutável e a presente pesquisa, engendrada por meio da disciplina de Estágio Supervisionado III, conduz a leitura em torno de uma escola dinâmica. Haja vista que os sujeitos que a constroem cotidianamente, sobretudo os jovens estudantes, são múltiplos e, por isso, movimentam significados, assumem posturas frente a si mesmos e à realidade, edificam afetividades através dos agrupamentos de amizade e re-significam suas trajetórias em processos identitários.

Investigar essas identidades, ou antes, processos identitários, já que estão sempre em movimento, em relação aos jovens é um desafio científico que precisa ser considerado em prol de uma educação sociológica apta a atender as demandas e necessidades de seu público. A formação de um (a) cientista social licenciado (a) provoca a problematização sobre os conflitos e os diálogos existentes entre uma instituição que historicamente carrega valores correspondentes a ordem social-política-econômica vigente e sujeitos marcados por diversidades e, por vezes, vulnerabilidades que denotam a categoria de juventudes no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5/6, p. 25-36, maio-dez. 1997.

BAUDELLOT, Christian. A sociologia da educação: para quê? **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 3, p. 29-42, 1991.

BIRMAN, Patricia; MACHADO, Carly. A violência dos justos: evangélicos, mídia e periferias da metrópole. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 55-69, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/107/10724731004/>>.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). **Escritos de educação**, Petrópolis, Vozes, 1998. p. 39-64.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (org.), **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**, Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1996.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Tradução de Stephania Matousek.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez; REIS, Juliana. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. **Cadernos Cedes**, v. 31, n. 84, p. 253-273, 2011.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, v. 45, n. 1, p. 103-118, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise social**, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990.

TOSTA, Sandra Pereira; CARVALHO, Andréa Pinheiro Tomaz. Dinâmicas culturais e educação: apropriação e (re) significação de espaços escolares por adolescentes. *Linhas críticas*, v. 21, n. 44 (2015) Disponível em:< <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/issue/current/showToc>.> Acesso em: 06/06/2015.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006.